



TRIBUNA Livre

17
Novembro
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

ISTO VAI DE MAL A PIOR

Mal: porque a actividade municipal é nula.

Pior: porque se despreza o interesse geral.

Como?

Por um lado impedindo de fazer, por outro deixando fazer mal.

Dois exemplos que valem um milhão:

a) Não aceitando as ofertas de comissões organizadas, deixando caducar

comparticipações concedidas, permitindo, por negligência, a caducidade de contractos que obrigavam uma companhia perante a Câmara, etc, ocasionou-se ao concelho muito maior prejuízo do que o valor de tudo que foi feito em benefício seu em doze anos de gestão provavelmente infeliz;

b) Graças à boa vontade de alguns estão a ser cons-

truídos edificios em três locais da Vila. Em dois desses locais as dificuldades burocráticas a vencer foram grandes, o que deu celeuma. Pois apesar disso e do natural interesse que obras deste género causam, pode afirmar-se, e não há receio de desmentido, que nunca a pessoa responsável foi a esses locais.

Daí esta coisa irrisória: num dos locais uma casa está a vinte metros da via pública, outra a doze e outra a facear com a dita via pública. Nos outros locais há erros notórios que só não são tão acentuados dada a intervenção de um ou outro bairrista consciente.

Até a pavimentação do Largo dos Bombeiros, a pesquisa de águas para Caldeas e os anunciados micróforos foram pregões há pouco lançados para salvar as aparências num momento de crise, e, afinal, parece te-

(Continua na 4.ª página)

Budapeste não morreu!

Viverá no coração do mundo livre!

De entre as muitas e variadas notícias que ressoaram por esse mundo fora a respeito dos acontecimentos da Hungria, chegou até nós esta sintomática expressão de um correspondente: Budapeste morreu!

Não, respondemos nós!

Budapeste poderia ter sido reduzida a escombros, como realmente foi, pela desumana fúria dos sem Deus, mas, pelo seu inextinguível heroísmo viverá eternamente no coração de toda a humanidade digna deste nome, porque escreveu com o sangue de seus filhos mais uma pá-

gina brilhante na história da Hungria e mesmo na História da Humanidade, visto podermos ter como certo que esse brado angustioso dos húngaros, esse desesperado sacudir do jugo estrangeiro que o reduziu à mais cruel escravatura, marca o início de uma nova era para a libertação dos povos escravos do comunismo. Podemos concordar afoitamente com o nosso Digno Representante na O.N.U. quando afirmou que o gesto so-

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

...

Pelos cimos destes montes brilhou, a sério, com toda a ciência e arte que podia imprimir-lhe o seu tempo, a luz dos fachos, a chama das almenaras em noites consecutivas de vela às armas, em apoio e íntimo contacto de toda a guarnição do Castelo de Bouro e o sistema defensivo da Portela com as linhas avançadas dos cumes dos montes que se vão postando para o sul. *In Judicato de Boiro,..... Sancta Maria de Cubidi..... todos desta collatione levam a madeira et fazem no Castello, excepto a quintana de Vilar et de Johanne Mourro et Petro Pelaiz, que vam aa vela.*

Pena seja que as juventudes de hoje, que tão dignamente costumam evocar estas maravilhosas cenas históricas de um passado glorioso e heróico, estes quadros inolvidáveis dos acampamentos medievais, não venham, em patriótica romagem de recordação e fortalecimento, repeti-los nestes lugares em que na realidade se representaram.

Os direitos da coroa

IV

Se este foi o objectivo primário das Inquirições, mal pode passar-se adiante, sem dedicar a tal assunto alguma atenção.

Sabe-se que os primeiros monarcas, ora se alargavam, ora retraíam em benefícios e privilégios a prelados e ricos-homens seus companheiros de armas, conforme o partido guerreiro de que careciam para seus empreendimentos militares.

Por exemplo, em 27 de Maio de 1128, vésperas da batalha de S. Mamede, D. Afonso Henriques encontrando-se em Braga rodeado de seus mais fiéis partidários, entre eles o arcebispo D. Paio Mendes, irmão do Lidador, fêz a todos as mais amplas e agigantadas mercês, e à catedral bracarense, entre outras, a de poder cunhar moeda, concessão que depois terminou por acôrdo com D. Sancho I.

Porém, entre 1216 e 1217, D. Afonso II deu-se ao cuidado de percorrer as terras do norte do reido, com o fim de examinar títulos de propriedade, pouco disposto a

(Continua na 6.ª página)

Em prol da mensagem desportiva, em Braga

Em sinal de concordância com as considerações expostas no artigo publicado neste jornal, com o título em referência, recebemos uma comunicação do Sr. Presidente da Direcção do Sporting de Braga, Ex. mo Dr. Guilherme Lopes, que passamos a transcrever com todo o prazer:

«Li, com profundo agrado,

o artigo que o Sr. J. M. subscreveu e com o título "Em prol da mensagem desportiva, em Braga..."

Na parte que toca ao Sporting, de especial à direcção e seu presidente, os agradecimentos mais sinceros em nome de toda a colectividade, em prol da qual tudo faremos para seu prestígio e enquanto nos for dada a honra de ocupar o lugar que agora ali temos. Quanto ao atletismo, tão descuidado ultimamente, devemos informar que começa em breve a escola respectiva, para a qual está aberta a respectiva inscrição e onde vão colaborar dedicados sportinguistas.

Não descuidaremos a sua actividade».

Novo sócio da "Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto,"

Esteve, em Braga, na passada semana, o distinto jornalista Senhor Militão Porto, que por honrosa incumbência da «Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto», veio comunicar ao Sr. Dr. António José da Costa, nosso director, a sua admissão como sócio efectivo daquela Associação.

A decisão foi tomada em sessão de 9 de Outubro, findo.

Culto, encarando as coisas, os problemas e os homens de frente, o Dr. António José da Costa não podia fugir à ironia dalgum despeitado no limiar do «canto do cisne»; mas não podia também fugir e não fugiu, à vista perspicaz dos homens de espírito, para quem a cabeça não conta simplesmente como ornamento.

Banda Musical de Vila Verde

Novos corpos directivos

Na última reunião da Direcção desta colectividade, foram nomeados por unani-

midade os seus corpos directivos que no ano que vai começar terão o encargo de dirigirem este organismo, que pela Arte e pela Cultura tão elevadamente tem propalado o nome de Vila Verde.

Este agrupamento musical, integrado na "Sociedade de Educação e Recreio...", com estatutos aprovados por Sua Ex.ª o Ministro da Educação Nacional, em 5 de Junho de 1950, vem, através de todas as vicissitudes e sacrificios, pugnano pelo bom nome da terra, levando o seu nome a todo o País e até ao estrangeiro, com o propósito firme de dignificar o concelho que tão carinhosamente tem correspondido a todas as chamadas.

Esta vontade de bem servir tem sido manifestada por

(Continua na 4.ª página)

Visitantes ilustres

Deram-nos a subida honra de visitar a redacção e tipografia deste semanário, os distintos jornalistas: Sr. Dr. Bernardino Amândio, ilustre director do jornal "O Cávado", Sr. Militão Porto, funcionário superior da Agência France-Press e nosso apreciado colaborador e Sr. António Gomes da Costa, redactor do "Correio do Minho".

Os dignos visitantes mostraram-se agradavelmente impressionados com as instalações observadas, o que nos deixou duplamente satisfeitos, já que, a sua visita, era motivo, de sobejo, para nos sentirmos honrados.

TRIBUNA AGRÍCOLA

Época e oportunidade dos atestos

Deve-se desde já reter-se esta noção de grande importância—os atestos devem começar logo a seguir ao envasilhamento e fazem-se durante todo o tempo que o vinho estiver encascado.

De início, e enquanto dura a fermentação lenta, os vinhos estão até certo ponto protegidos pelo gás carbónico que se produz, mas à medida que diminui a libertação gasosa deve desde logo proceder-se aos atestos. Como mera indicação pode dizer-se que, nos primeiros 8 a 15 dias a seguir ao envasilhamento, não há grande mal em os vinhos estarem em vazio, mas que, depois desse período, os atestos são necessários pelo menos todas as semanas.

Quando não se sentir já libertação gasosa, apontam-se os batoques, não os apertando pois é preferível que se houver um despertar inesperado de fermentação, sejam os batoques os primeiros a ceder e não qualquer aduela.

Quando haja a certeza de ter cessado toda a libertação gasosa é altura então de se

O aranhão vermelho

Parasita terrível na sua pequenez, o aranhão vermelho é um animal promovido de armadura bucal sugadora e de cor vermelho-acastanhada. Os seus ovos passam o Inverno nas cascas velhas e rugosidades dos troncos, sob a forma de pequeninos glóbulos translúcidos e avermelhados, que chegam, pela sua abundância, a dar um tom rubro à própria árvore atacada.

As suas larvas sofrem uma evolução rápida e complexa e acabam por adquirir um quarto par de patas, o que tem levado muitos observadores a tomar o aranhão como um verdadeiro aracnídeo, o que é errado.

Depredador de temer, este parasita suga as folhas e frutos, deixando neles a sua marca inconfundível de cicatrizes e de uma lanugem branca e fina e podendo adquirir, nos verões secos e quentes, grande importância económica.

No seu combate, as regas com água simples e frequentes, feitas pela tarde, oferecem bastante eficácia. É sempre conveniente porém, fazer uma aplicação invernal de calda sulfocálcica a 5.º B, bem como uma aplicação, após a queda das pétalas, de uma calda de óleo rotinado a 1%, aplicado estreme ou adicionado calda bordalesa.

batocarem os toneis, pipas e vasilhas.

Efectuada a trasfega (que deverá ser feita a partir de Novembro) e porque as diminuições de volume são já menores e a temperatura ambiente baixou, o período entre cada atesto pode ser de 15 dias e mais tarde de mês a mês.

É absolutamente de condenar a prática de fazer o atesto pelo S. Martinho, abatocar e barrar as vasilhas, nunca mais procedendo ao enchimento do vazio que se vai formando.

Deve pelo contrário ter-se a preocupação constante de, anulando os efeitos da evaporação através dos poros da madeira, nunca haver superfície apreciável de vinho em contacto com o ar e não é a vedação perfeita por um batoque muito apertado ou barrado que obsta àquela evaporação e portanto a que se crie uma câmara de ar que apresenta os inconvenientes apontados.

Os atestos devem ser feitos de forma a que o vinho raze a parte inferior da batoqueira.

Os batoques podem ser de boa cortiça ou de madeira dura e só se deve recorrer à linhagem ou pano no caso de batoqueiras gastas e que de outra forma não vedem.

O vinho destinado aos atestos

O vinho que se utiliza para os atestos será dos mais perfeitos, senão o mais perfeito, de toda a adega, (ao contrário do que muitas vezes e infelizmente se faz na prática). É preciso não esquecer que, se assim não for, alcançamos resultados contraproducentes, indo disseminar-se por todas as vasilhas a doença de que estiver atacado o vinho utilizado.

Nestas condições é preferível não fazer atestos a recorrer a outros processos que embora mais dispendiosos e menos satisfatórios conduzam a resultados aceitáveis. A eles nos referiremos mais adiante.

Veja-se, agora, como se obtém o vinho que vai servir para atestar todas as vasilhas da adega.

Após a vindima deve ser posto à parte, em vasilhas de volume adequado à importância da adega (garrafões, pipas, ou cascos) o vinho destinado aos atestos convenientes até à trasfega (Novembro).

Aproximadamente pode calcular-se esse volume em cerca de 3% do volume da colheita.

Não convém que todo este vinho fique numa única vasilha, mas em várias, de uma das quais se irá tirando o vinho necessário ao atesto de todas as vasilhas da adega in-

clusivé das outras destinadas para atestos. Acabada essa, outra, a que até então também se tem feito atestos, será encetada.

Desde que a vasilha donde se tira o vinho fica em falso está este, sujeito a alterar-se. É necessário então providenciar para que isso não suceda o que se consegue adicionando-lhe por cada 100 litros de vinho, 20 grs. de metabissulfito de potássio.

Obtém-se assim um vinho que, embora pouco agradável para consumo directo, fica em óptimas condições de sanidade e conservação.

Se a vasilha estiver muito tempo em falso, ao fim de um mês é conveniente renovar a adição da dose indicada de metabissulfito.

Na altura da trasfega há ocasião de refazer a reserva que garante os atestos que se efectuem posteriormente. Se nessa ocasião alguma das vasilhas reservadas de início ainda não foi encetada, será o seu vinho também trasfegado.

A vantagem da escolha do recipiente de pequena litragem reside, como é óbvio, na redução ou anulação do tempo em que há necessidade de as deixar em vazio.

O volume a deixar na trasfega, para atestos, pode calcular-se, para uma conservação até à próxima colheita, em cerca de 5% do volume total. É claro que este cálculo é muito sujeito a erro, pois variados factores influem, como condições de adega, condições e volumes das vasilhas, etc.

* * *

Para terminar, referir-nos-emos ao modo de proceder quando, de todo em todo, for impossível reservar vinhos para atestos.

Quando tal suceda, pode então recorrer-se a dois processos.

Um consiste em efectuar periodicamente a sulfuração dos vazios, lançando mão do sulfurador ou dum pequeno saco de linhagem contendo metabissulfito e que depois de molhado no próprio vinho fica suspenso no batoque.

O outro processo, certamente mais aconselhável e eficaz, consiste em recobrir a superfície do vinho em contacto com o ar com uma camada de óleo de parafina, neutro e isento de cheiro.

A quantidade necessária depende logicamente da maior ou menor extensão da superfície de vinho a isolar mas, como base, podem usar-se 2 litros de óleo de parafina por cada metro quadrado a proteger.

(Dos serviços Técnicos da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes).

Visada pela censura

As alticas da couve

As alticas são insectos extremamente prejudiciais a inúmeras culturas. Temos, por exemplo, tido conhecimento de recentes ataques densíssimos destes coleópteros sobre crucíferas diversas e, nomeadamente sobre couves.

São insectos muito pequenos (2 a 3 mm), de corpo oval, com as patas posteriores dispostas de tal forma que lhes permite grandes saltos, de onde a sua designação de «pulgões da terra». Têm coloração variada desde negro brilhante ao azul metálico, aparecendo outras espécies com os élitros rajados por uma faixa amarela.

As larvas são geralmente estreitase pequenas (8 mm), brancas, amareladas ou esverdeadas.

A altica das crucíferas (couves, nabos, saladas, etc), pertence ao género «Phyllotera» sendo mais comum a espécie «P. nemorum», cuja larva é esverdeada.

Os seus estragos consistem em numerosas perfurações das folhas e no estabelecimento de finas galerias no interior das mesmas.

Recomendam-se, para o seu combate, os produtos à base de nicotina, rotenona e DDT, aplicados nas doses indicadas pelos fabricantes.

Desinfecção de sementes

Eis-nos de novo próximo das sementeiras e, por isso se chama a atenção dos lavradores para os prejuízos que constituem os ataques de certos fungos, particularmente o «fungão».

Os pesados prejuízos normalmente suportados pela Lavoura e pela economia nacional, podem ser evitados recorrendo à prévia desinfecção das sementes.

Aconselha-se a desinfecção a seco: por ser rápido, fácil, económica, e poder ser feita em qualquer altura do ano. A semente assim tratada, conserva-se bem em sítio seco e fica protegida contra o ataque de roedores e de muitos insectos. Na desinfecção poderão ser utilizados produtos vários, apresentando-se os que existem actualmente no mercado sob a forma de:

produtos organo-mercuriais,

produtos com base no cobre (oxiureto, carbonato básico, etc.),

produtos com base nos derivados clorados de benzeno (pentaclorobenzeno, hexaclorobenzeno).

Alem de ser o único processo eficaz na luta contra o «fungão», a desinfecção das sementes permite reduzir consideravelmente as falhas nas searas, contrariar a maioria das doenças, e, com um pequeno encargo conduzir a um notável aumento do rendimento.

É indispensável, pois, desinfectar as sementes antes de serem lançadas à terra.

A desinfecção de semente é um dos meios que conduz à obtenção de maiores e melhores produções.

Trigo para semente

Avisam-se todos os produtores, que tenham requisitado trigos para semente por intermédio dos respectivos Grémios da Lavoura, que devem proceder com a maior brevidade ao levantamento das quantidades requisitadas.

No caso de desistência, deverá a mesma ser comunicada ao Grémio da Lavoura com toda a urgência, de forma a permitir a entrega da semente a outros produtores e a evitar que algumas quantidades fiquem por utilizar, do que resultariam graves prejuízos para a Lavoura e para a F.N.P.T.

ATENÇÃO

Milhos com excesso de humidade

Decorreu o tempo bastante humido este verão, motivando por conseguinte atraso na maturação dos milhos e ainda, o que é mais grave, uma percentagem de humidade bastante elevada, que torna difícil a conservação de cereal.

Para que possa ser atenuado tanto quanto possível o mal atrás apontado, vamos tentar indicar alguns cuidados a ter com os milhos, no sentido da sua melhor conservação, sabendo-se que ela é difícil quando o cereal tem mais de 14% de humidade.

1.º Deve tentar-se sempre que possível uma secagem natural nas eiras, dando o maior movimento ao cereal com voltas contínuas em padejo para arejamento.

2.º Nos locais onde hajam instalações de secagem industrial de arroz, podem tentar utilizar-se os mesmos a fim de secar os milhos, diminuindo a percentagem de humidade para 14%.

3.º Quando por qualquer dificuldade não possam ser utilizados os meios acima indicados, deve o milho de-

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA do CONCELHO

Auxílio aos mártires da Hungria

Transcrevemos, por se tratar de um documento que em suas linhas diz tudo, a circular que o nosso Reverendo Arcipreste enviou a todos os párocos do Arciprestado, pedindo-lhes a sua colaboração em prol do povo Húngaro.

Estamos certos de que aqui, como aliás em todo o mundo consciente, o apelo vai receber apoio unânime.

Lamenta-se, agora como sempre, que a autoridade viva alheia a todas as iniciativas. Também é certo que já ninguém espera outra coisa e se alheia da autoridade.

«Não pode o povo de Amarens ficar insensível aos horrores que se estão perpetrando na Nação mártir: a Hungria.

Vamos pois, a exemplo do que se está realizando em todo o Portugal, socorrer esse povo heróico, não só com as nossas orações, mas também com o auxílio material.

Para isso, pedimos a V. Rev. para formar e dar todo o seu apoio a uma comissão que se encarregará de recolher nessa freguesia donativos: roupas, víveres, dinheiro e tudo o que se conseguir angariar.

Pede-se isto o mais rapidamente possível.

Cada freguesia enviará as suas ofertas para a Feira Nova. Será tudo recolhido numa casa pertencente ao Senhor Dr. Manuel Arantes Rodrigues de frente da sua residência.

A Comissão Concelhia encarregar-se-á de entregar tudo à Cáritas de Braga, a qual por sua vez fará chegar à Hungria.

Ao dispor de V. Rev. para qualquer informação, subscreve-se com toda a consideração:

COMISSÃO

Alice Arantes Rodrigues
Eugénia Leite Ferreira
Olimpia Macedo
Isabel Macedo
Sameiro Leite
Fernanda Macedo
Maria de Lourdes C. de Abreu Carvalho

Dou o meu apoio e espero de V. Rev. todo o esforço e boa vontade».

O Arcipreste

P.e José Joaquim da Costa Azevedo

Bouro

A Sociedade Protectora dos Animais, suspeitando que Maria do Patrocínio da Silva, residente no lugar do Cano, desta freguesia, tenha sido a autora da morte de um animal de raça felina, tomou providências referentes a este crime.

O animal era pertença do Sr. Tomás de Oliveira, residente também no aludido lugar, o qual foi ameaçado pela Maria do Patrocínio que havia de matar o gato por lhe ter subtraído uns alimentos.

Por ter extraído areia do leito do rio Cávado, no lugar de Ponte de Parada, desta freguesia, sem estar de posse da competente licença, foi autuado pela Direcção dos Serviços Hidráulicos, Manuel da Costa Vale, casado, industrial residente no lugar da Obrinha, desta freguesia.

O transgressor cometeu assim o crime do artigo 36.º do R. S. A.

Caires

Apresentou queixa no Posto da G. N. R. deste concelho, o regedor da freguesia de Caires, Adelino da Silva, casado, comerciante, contra Alberto dos Santos Ferreira, solteiro, trolha, e Joaquim Pinheiro

Duarte, menor, residentes no lugar do Monte, da mesma freguesia, acusando-os de lhe assaltarem o estabelecimento e daí lhe furtarem uma certa importância de dinheiro.

O Alberto alega que unicamente coadjuvou no furto, pois, diz que não entrara no referido estabelecimento.

Amarens

No estabelecimento comercial de José da Costa, sito no Largo Dr. Oliveira Salazar, envolveram-se em desordem Mário Sepúlveda Rodrigues, solteiro, pedreiro, José Joaquim Rodrigues, casado, pedreiro, Torcato Ferreira, solteiro, proprietário e Manuel Ferreira, solteiro, todos residentes na freguesia de Prozel, deste concelho.

Desta contenda o Mário apresenta leves escoriações no rosto por ter sido agredido com uma dentada e ainda sofreu danos no relógio de pulso e num casaco.

Vida elegante

Aniversários

Terça-feira—Os senhores António Dias Paredes e José Antunes da Silva.

Quinta-feira—O senhor Domingos do Nascimento Pinheiro.

Necessidade de intervenção da G. N. R.

Os abusos de confiança nesta nossa terra, já se podem considerar como habituais e deles prejuizos materiais e arrelias.

Desta vez a pobre vítima foi o «Campo de Jogos Luiz Calheiros de Abreu», que apesar de estar bastante desprezado, não tem verificado danos de maior a não ser a ruína consentida.

Desde longo tempo que se vêm desaparecer a passos longos as abundantes «mimosas», mas sempre se ignora quem seja o autor de tal abuso.

E, já que se fala em abusos, o principal e ao qual nos queremos referir, é sem dúvida um que observamos no passado domingo: as bancadas que foram construídas com tanto carinho, esforços sem par e com auxílio dos bairristas locais, apareceram num estado desolador, danificadas completamente, pois, mesmo ao centro, foram-lhes tiradas enormes quantidades de barro, deixando-as num estado mais do que lamentável.

Oxalá, que as autoridades do concelho, possam agir de maneira a descobrir os audaciosos elementos que não têm respeito para com as propriedades de outros e especialmente desta, que é de todos.

Esperamos que a descoberta seja breve, para a qual é indispensável o apoio do activo comandante do Posto da G. N. R. deste concelho».

Lago

Realizou-se no Domingo passado, nesta freguesia uma *marcha* de oferendas. Esteve bastante concorrida tanto de ofertas como de visitantes: muita gente de todas as freguesias vizinhas e até de longe.

Estes cortejos de oferendas, ou *marchas*, como lhe queiram chamar, são a melhor maneira de se arranjar dinheiro. É o despique entre lugares, entre moças, enfim, entre tudo. Se o lugar de tal promessa reser um carro, já o lugar vizinho quer apresentar dois e o lugar a seguir pretende apresentar três ou quatro. O mesmo com os lavradores. O Antoninho da Granja dá um carro de pinheiros, o Manuelzinho da Bouça não pode dar menos, seria um descrédito; a sua casa não é inferior àquela, portanto, vão dois carros. Pode a cozinha, ou a corte das vacas estar precisada de trave que lhe segure as telhas em baloiço que não chega coragem de ir à bouça cortar um eucalipto, ou pinheiro para ripas. Não. Não é boa lua agora... esperemos por Agosto... Depois como Agosto passou e não houve vagar ou vontade, espera-se pela lua de Janeiro que são as melhores para cortar madeira. E assim se anda uma temporada ora esperando por Agosto, ora por Janeiro, sem aparecer tempo disponível para consertar a casa. Mas chega o cortejo: chega o vagar e não se olha às luas. Aí vai ele carro aparelhado com muitos papéis de cores berrantes, jugo enfeitado, pinhei-

ros ou mato, abóboras ou cebolas, batatas e alhos, feijão e centeio, enfim, um pouco de tudo que produziu a sua casa agrícola, com a filha vestida de fato alugado—à vianense, meia dúzia de cordões ao peito, os dela mais os da mãe e da avó (das tias não, que também vão ver e querem-nos levar), grandes arrecadas dependuradas das orelhas, dedos cobertos de anéis que mais parecem ourives ambulantes com o oostuário à vista do que rapariga a chamar os pachorrentos bois pela soga.

Isto no caso dos lavradores. Que fora deste há outros dignos de nota.

E rapidamente, que isto ia longe. Reparemos neste: Fulana, que está em débito ao merceiro, ao moleiro, à padaria, à sardineira, ao sapateiro, mandou alugar por quarenta ou cinquenta escudos um fato à sua filha, enfeitou-lhe um açafate, colocou dentro uma dúzia de ovos, um coelho ou um frango, mandou pedir emprestado um *ourinho* e ela aí vai toda vaidosa toda repinada que até parece algum...

Não somos contra os cortejos de oferendas. Somos pelos cortejos de oferendas. O que acabamos de dizer é em nosso entender, a causa fundamental do êxito dos mesmos.

Não fosse a vaidade, a rivalidade entre casas, entre lugares ou entre freguesias, e os cortejos renderiam muito menos.

É sempre justa causa a que se destina um cortejo?

Fazemos esta pergunta porque o fim para que foi feita a *Marcha*, aqui realizada, deu ao a discórdâncias. Mas abertamente, sem rodeios, declararam não concordar. Outros mais fingidos, sem coragem de o dizer ao autor, prometiam o sua oferta...mas diziam depois aos amigos que não concordavam.

Ainda outros, possivelmente, o maior número, concorreu e deu de boa vontade as suas oferendas.

Para a construção de um salão paroquial foi feita a *marcha*. Algumas considerações, a propósito, é possível que se façam aqui na «Tribuna Livre», oportunamente.

Foi no Domingo passado a festa de S. Martinho nosso padroeiro. A *Marcha* denominou-se até de S. *Martinho*. Para festejar o dia do Santo patrono, foi ordenado um peditório para uma *missa cantada, algum fogo e música*. A *missa cantada*, realizou-se. Algum fogo (muitíssimo pouco) também estoiouro. Música...de música é que nada se ouviu.

Falecimentos

—Faleceu o snr. José Pereira (Fininho) de 70 anos de idade, morador no lugar da Telheira.

—Há dias já, que também faleceu a snr.ª Maria da Conceição Pires, casada com o sr. Eugénio Cerdeira. Era irmã do falecido P.e Albino Pires.

As famílias em luto, os nossos sentimentos

Baptizado

Domingo passado, foi baptizado uma menina filha de José Pereira e Glória Barbosa. Foram padrinhos o snr. Alfredo Soares Vieira e Lereses Alves Pereira.

—É também baptizado no próximo Domingo, uma menina filha do snr. Custódio Fernandes da Silva e Julia Veloso. Apadrinharão o acto os snrs. José Ribeiro Fernandes e Augusta Fernandes.

J.P.

Assinai e propagai a «Tribuna Livre»

Leilão de penhores

A Caixa Penhorista «Feirano-vense», de José Gil Macedo, avisa que no dia 20 de Dezembro, de 1956 às 14 horas, começa o leilão de penhores que se encontrarão com mais de três meses de juros em dívida, na sede do seu estabelecimento, no Largo Dr. Oliveira Salazar, freguesia de Ferreiros, concelho de Amarens.

Ferreiros, 17 de Novembro de 1956.

O prestamista

José Gil Macedo

Caires

Altar iluminado

No passado Domingo, procedeu-se na Igreja Matriz de Caires, à inauguração do altar de Nossa Senhora do Rosário, que foi belamente electrificado e muito asseado, bem como os de Santa Filomena e de S. Braz. Ao centro foi colocado um artístico retábulo das Almas do Purgatório, que honra a já acreditada Casa Fonseca, Arte Cristã — da cidade de Braga. No conjunto, ficou um primor e é um dos mais preciosos altares da nossa Igreja Paroquial.

Missa Solene

Foi celebrada no Altar de Nossa Senhora do Rosário e Altas uma missa com jubilosos cânticos, que foi da Senhora D. Maria Rodrigues, nossa generosa benfeitora que nutre pela nossa Igreja grande estima e consideração.

De Visita

Deu-nos o prazer da sua muito estimada visita, a Senhora D. Mercedes Rodrigues, do lugar do Bártio, Amarens, a qual veio acompanhada dos seus estremosos filhinhos. Gratos pela gentileza.

HUMORISMO

No tribunal

—Sabe de que o acusam?
—De ter roubado umas maçãs.
—Você já cá esteve uma vez, e eu disse-lhe que não tornasse a roubar.
—Mas, Snr. Juiz, eu dessa vez tinha roubado peras, e o senhor Juiz não me falou em maçãs

Não o conheço

Certo indivíduo encontra um desconhecido e detem-lhe o passo, dizendo:

—Desculpe-me, Senhor; faz-me um favor?
—Dois se e puder.
—Empresta-me cem escudos?
—Desculpe-me, não tenho o prazer de conhecê-lo!
—É justamente por isso que me dirijo ao senhor, porque os que me conhecem não me querem emprestar.

Na escola

Professor:—Vamos ver! Se nesta mesa estivessem quatro moscas e tu matasse uma, quantas ficariam?

—Uma!—Responderam todos os alunos.
—Só uma? Que contas são essas?
—Sim, Snr. professor, ficaria unicamente a morta.

Budapeste não morreu!

(Continuação da 4.ª página)

viético traz em si o germe da sua própria destruição.

A atitude da cidade mártir foi tão nobre e tão elevados os sentimentos que a ditaram, que todo o mundo livre, em uma só voz, clamou e clama contra o gesto bárbaro das hordas vermelhas, participando nesse protesto formal contra a atitude soviética, o próprio partido comunista, como aconteceu na Noroega, que não teve receio em afirmar num comunicado, que os acontecimentos na Hungria lhe causaram "apreensão e desgosto", visto cada nação dever decidir o seu futuro sem intervenção de tropas estrangeiras.

Não há dúvida alguma que as forças morais, onde elas ainda existem, se levantaram num coro fantástico contra a opressão, não ficando atrás a nossa comparticipação nesta cruzada grandiosa de amor à liberdade. Movimentam-se comissões de angariação de donativos por toda a parte, enquanto que as preces sobem ao Céu e as mensagens de apoio chegam ao Governo, constantemente, de todos os lados, cheias de incitamento e de fé na causa da Hungria.

Para todos estes que amam o próximo, que conhecem a força irresistível da caridade, Budapeste não morreu, o seu contínuo labutar é a garantia de que não morrerá, é a certeza de que vive nos seus corações. Os portugueses receberão as crianças húngaras, como fize-

Isto vai de mal a pior

(Continuação da 1.ª página)

rem-se perdido, como se perderam, tantas coisas, que inumeradas encheriam o espaço deste número. Nos dois casos referidos em primeiro e segundo lugar, são as participações que se perdem. No terceiro é que se despreza, mais uma vez, a oferta de quem se propunha realizar a obra num dos locais.

Até quando?

Continuaremos aguardar e a lembrar que não esperem solução por um acto corajoso de consciência, consciência de tanto mal feito.

Procurem-na, rezem por ela, mas venha de onde deve vier, de onde já deveria ter vindo.

Alguma vez os homens não-de ter a noção das responsabilidades e deixar de endossar as soluções por comodidade.

A nossa juventude, se Deus quiser, há-de sobreviver a esta apatia, tal como a nossa vara há-de condenar, como o interesse do concelho impõe!

ram em tempos às austríacas, e acarinha-las-ão com amor paternal. Os portugueses darão donativos que cheguem para patentear os seus conhecidos dotes de caridade. Os portugueses oram e pedem a Deus a libertação da Hungria. Os portugueses verterão mesmo o seu sangue para que o resgate deste povo amordaçado e algemado de ferro possa ter uma pátria livre, porque a Hungria, porque Budapeste, não morreu ainda nem pode morrer!

Como a Hungria, não poderão morrer outras nações irmãs pela sorte, que se encontram agrilhoadas pelos carrascos moscovitas. Falou a moral a plenos pulmões, como um vendaval que agitou os corações, mas uniu as almas num amplexo de amor ao próximo!

Falta agora falar a justiça e mesmo a força! Estas devem residir nas atitudes, nos gestos desassombrosos que forem evidenciados na Assembleia das Nações Unidas! Fala-se na abolição do veto: grande medida essa; fala-se na formação da polícia internacional: esplêndida e eficaz salvaguarda do direito; fala-se na resolução dos problemas do Médio-Oriente e da situação da Hungria: instantes problemas são estes e que dose de prudência e firmeza necessitam; mas urge também falar, como medida urgente, na libertação dos povos oprimidos, dos chamados estados satélites cobertos pela cortina de ferro. O movimento da Hungria foi o início dessa libertação e continuá-la é o dever de todo o mundo livre.

Não querendo a Rússia entrar no caminho destas reivindicações, cheias de humanidade, a solução foi muito claramente indicada pelo "Colégio dos Advogados de Toledo", dirigida a todas as associações espanholas e estrangeiras de advogados, com vista à aprovação dos respectivos governos, para ser dirigida às Nações Unidas. Em três pontos define o problema:

1.º—Que a URSS seja declarada, pelas Nações Unidas, "agressora da Hungria" e que por via de consequência a sua delegação seja expulsa da Organização internacional;

2.º—Que todos os Estados "amantes da paz" decidam cortar as relações diplomáticas, políticas económicas, culturais e desportivas com a URSS.

3.º—Que estes mesmos Estados enviem um ultimato à URSS com vista à retirada imediata das tropas russas do território húngaro.

Se a Rússia não aceitasse os termos deste ultimato, o "Colégio dos Advogados de Toledo" propõe "o emprego da força internacional de todos os povos livres, a fim de castigar implacavelmente os "criminosos de guerra" e restituir aos povos avassalados a sua liberdade e a sua independência."

Este caminho seria o que logicamente deve ser seguido, se não for embargado pelo espectro do medo.

Mas se não forem tomadas medidas análogas, o prestígio das Nações Unidas naufragará

Milhos com excesso de humidade

(Continuação da 2.ª página)

pois de debulhado, ser armazenado em celeiros bastante arejados, a pequena altura e ser padejado com frequência para auxiliar a secagem.

4.º No caso dos milhos não se encontrarem debulhados, devem as espigas (maçarcas) ser dispostas em espigueiros ou em celeiros arejados, a pequena altura e só depois serem descaroladas.

A objectiva encanta a juventude

(Continuação da 5.ª página)

tardes inteiras no laboratório da escola. Cada aluno tem de executar todos os trabalhos, da escolha do motivo até à cópia artística.

Terminado o curso, a maioria dos rapazes e das meninas continua a dedicar-se à fotografia lendo livros da especialidade, coleccionando catálogos e revistas tiram o maior proveito para a sua educação estética. Alguns são autênticos especialistas que podem muito bem entrar em competição com fotógrafos abalizados. O professor Nowak organizou uma excelente colecção de fotografias feitas pelos seus alunos de todas as idades que constitui uma novidade sem par. A escolha do motivo, o ângulo de visão, o enquadramento, a focagem e o material empregado para as cópias são outras tantas possibilidades de desenvolver as qualidades estéticas. Já se sugeriu ao professor Nowak a ideia de organizar uma grande exposição de fotografia infantil. O professor de Francfort argumentou, porém, que um certo nocivo à ideia que presidiu à fundação dos cursos. Admitiu apenas a possibilidade de, num quadro mais afastado da sua escola, apresentar trabalhos de ex-alunos.

Não lhe parece acertada a ideia de pôr em evidência um ou outro aluno. O que pretende é "abrir os olhos" aos seus alunos para que vejam conscientemente as belezas do mundo sob os seus múltiplos aspectos. E os seus discípulos vão pelos campos fora, descobrindo a paisagem, encontrando aspectos nunca antes vistos conscientemente, enquanto outros percorrem as ruas com "olhos de ver".

A educação fotográfica é ainda de grande projecção noutros domínios estéticos.

destrosamente, mais uma vez, e a guerra assolará o mundo com fúria nunca vista.

Teremos a guerra apocalíptica, que segundo se prevê, exterminará um terço da humanidade.

Eme

Tribuna de Vila Verde

Banda Musical de Vila Verde

(Continuação da 1.ª página)

toda a população e dignamente pela Ex.ª Câmara, que compreensivamente a tem sempre acarinhado e ajudado.

Sua Ex.ª a o Sr. Presidente da Câmara e os dignos Vereadores, compreendendo inteligentemente que este organismo tem servido como o melhor cartaz para Vila Verde, mais uma vez a subsidiaram e a protegeram. Bem hajam.

O Povo do Concelho, sempre, que solicitamos o seu auxílio, também o tem feito generosamente.

A todos muito obrigado.

As novas direcções ficaram assim constituídas:

Sociedade de Educação e Recreio

Presidente: Dr. António Ribeiro Guimarães;

Vice-Presidente: António Anselmo Soares.

Secretário: Mário Bacelar Alves.

Tesoureiro: José Soares da Silva Lago.

Vogais: Manuel Machado. Francisco Vieira.

Manuel Rodrigues da Silva.

Banda Musical

Comissão directiva
Comissão administrativa

Presidente: Mário Bacelar Alves.

Secretário: António Anselmo Soares.

Tesoureiro: José Soares da Silva Lago.

Vogais: Francisco Fernandes.

Artur Ferreira Carmo Loureiro.

Manuel Torcato da Costa Pinheiro.

Francisco Joaquim Fernandes de Azevedo.

Gaspar Augusto Machado.

António Augusto dos Santos.

Simplicio Antunes.

A direcção artística da Banda ficará a cargo do distinto Maestro Manuel Ferreira Pais.

E, assim, Vila Verdenses, compete-vos auxiliar, prestigiar e dignificar quem desinteressadamente vai trabalhar com todo o amor para o engrandecimento da nossa terra.

Os alunos de Nowak aprendem a avaliar as qualidades estéticas dos cenários no teatro. Para eles, só têm valor os filmes fotograficamente irrepreensíveis. É de esperar que o exemplo dado pelo professor Nowak, seja imitado em muitas escolas da Alemanha Ocidental.

Eike Lundholm

Ficou constituída uma larga comissão para angariar meios para a construção da nova sede desta Sociedade, visto, devido à construção do novo Hospital, ter de abandonar o seu salão privativo, sito no velho edifício Sepulvedas, comissão em que entram todos os bons Vila Verdenses apaixonados pela sua Banda, e onde é largamente representado o concelho.

Dentro de alguns dias tornar-se-á conhecida essa Comissão.

No passado dia 12, realizou-se na Pastelaria-Bar de Vila Verde, um jantar íntimo dos corpos directivos da Banda Marcial desta Vila.

Esse jantar serviu para os mesmos convivas confraternizarem e trocar impressões sobre assuntos que interessam, que interessam a esta colectividade que tanto tem contribuído e elevado o nome de Vila Verde.

É do conhecimento de quasi todo o País e até de terras estranhas o prestígio com que este agrupamento musical, único em Vila Verde com cabeça, tronco e membros, tem pugnado, muitas vezes com grande sacrifício, para o engrandecimento da nossa terra.

O ano que vai iniciar-se será para esta organização de grande brilhantismo, visto o enorme número de pedidos de contracto para terras longínquas, onde o nome de Vila Verde já chegou levado pelo grandioso Cartaz da sua Banda de Música.

Está, pois, de parabens, a nova Direcção da Banda de Vila Verde e, oxalá, que todos os amigos desta prestimosa colectividade correspondam, como até aqui, para que se faça mais e melhor.

Novos assinantes

Do nosso conterrâneo sr. António Francisco Fernandes, actualmente em Caracas, Venezuela, recebemos uma carta a indicar-nos o sr. Amaro José Gonçalves, também residente em Caracas, para novo assinante, pelo que lhe estamos muito agradecidos.

Quanto aos versos, na realidade, não os pudemos publicar, em virtude de terem chegado, à nossa mão, fora de época a que se referiam.

De futuro, será atendido com a devida prontidão.

Junto de nós esteve o nosso particular amigo e assinante do nosso jornal, Sr. José Antunes da Silva, a indicar-nos o Sr. António Manuel Almeida da Silva, actualmente no Hospital Militar de Lisboa, para novo assinante.

Gratos pela sua gentileza.

As Abelhas

A mãe comum

Por Avlis

(Continuação do número anterior)

Como já foi dito, a postura da mãe ou rainha começa geralmente dois dias depois da fecundação.

Antes de pôr os ovos, a mãe percorre os favos, e, entrando de cabeça nas células ou alvéolos, examina-os minuciosamente no seu interior; achando-os limpos de qualquer impureza ou destreço, volta-se introduz o abdômem, e depõe um ovo branco, viscoso, que fica colocado no fundo pela substância aderente de que ele está untado. Às vezes com a precepitação, ou mesmo qualquer ruído estranho que possa assustar a abelha-mãe, esta deixa, cair mais do que um ovo na célula; mas, após ela, seguem as obreiras, que lhe ve-giam o trabalho limpando a célula dos ovos excedentes, deixando apenas um só em cada célula.

A mãe põe durante os meses quentes e só cessa a postura no inverno.

A maior postura é na primavera, época em que há muitas flores, e portanto muito mel, de onde se depreende o haver, com o excesso de sustento, um excesso de postura.

As fêmeas e os machos são produzidas segundo as necessidades da colmeia, mas os ovos das obreiras são sempre os primeiros postos, pois a república necessita, antes de mais nada, de membros activos e laboriosos; os ociosos, os zangãos, virão depois. Se a colmeia está muito numerosa, se existe um excesso de obreiras reclamando uma emigração, há então a postura de fêmeas mães, o que deixa de dar-se no caso de fraqueza. Uma mãe vigorosa pode pôr três mil ovos por dia ou mais, sessenta a setenta mil por

mês, trezentos a quatro centos mil por ano, e um milhão aproximadamente, nos cinco anos da sua existência. Esta excessiva postura é necessária para contrabalançar a perda das obreiras, que se calcula em trezentas por dia; dela é que depende a sorte da sociedade, pois, se não fôsse assim, a colmeia estava em pouco tempo deserta. Os ovos a que o vulgo dá o nome de vareja, desenvolvem-se em virtude do calor da colmeia, que não desce nunca abaixo de 33.º centígrados, podendo-se elevar até 36.º cent. Logo que a larva, ou pulo na linguagem popular, aparece, o que acontece no décimo terceiro dia, é diariamente sustentada com uma mistura de mel, pólen e água, fornecida pelas obreiras. Esta mistura é, nos primeiros dias, branca e insípida, mas à medida que a larva cresce, as obreiras vão-na mudando, aumentando-lhe cada vez mais as quantidades açucaradas. A larva assimila de tal modo a nutrição que nunca se lhe encontra na célula a menor partícula excrementícia. Logo que as larvas, que do princípio são ovas, moles e dum branco pardo, sofreram diversas transformações e chegaram ao termo do seu desenvolvimento, as obreiras cessam de lhe dar a papa e fecham as células com um opérculo de cêra um pouco arqueado, diferindo nisto do que cobre as células do mel, que é chato. A larva fica então, dentro da célula, uma espécie de casulo em que se envolve.

Ao cabo de 36 horas para a obreira, e vinte e quatro para uma rainha, que é o tempo que lhes leva a fiar o casulo, a larva repousa dois ou três dias e,

findo eles, rói o opérculo e a parece no estado de insecto perfeito. A duração de toda a fase evolutiva é, para a mãe, de quinze a desasseis dias, para a obreira, de vinte a vinte e um e, para os machos ou zangãos, de vinte e quatro.

Como a obreira sai do casulo completamente molhada, pouca num favo, sendo então cercada pelas tias manas que lhe dão mel e a ajudam a limpar e a enxugar. Sofre então uma espécie de exame. Se é defeituosa é logo sacrificada, mas, se se apresenta robusta e bem conformada para as diárias lidas, é recebida com alegria, acariciada pelas companheiras e, em pouco, aprende a cantar a quele sublime hino do nosso Castilho: trabalhai, meus irmãos, que o trabalho é riqueza, é virtude e vigor...

Se as obreiras, essas virgens estêreis, sóbrias e laboriosas, são o ideal do trabalho e de dedicação, os machos ou zangãos, parecem ser o ocioso, que se estende comodamente ao sol a fazer a digestão das pantagruélicas refeições cantando incessantemente para afugentar o tédio causado por a-quele viver inútil.

Segundo a opinião mais geral, os zangãos, só sabem cantar, comer e dormir. São estes maiores de que as obreiras, mas menores que as fêmeas mães.

A cabeça é grande e circular, devido isto ao excessivo desenvolvimento dos olhos. As antenas compõem-se de doze artículas, as patas são negras e com pêlos, sem pinsas nem cêstas para a apanha do pólen, o abdômem, obtuso na extremidade, desprovido de agulhão, e coberto de grossos pêlos. Não têm também trompa para recolher o mel das flores, nem glândulas para segregar a cera. Operada a fecundação da fêmea mãe, que, como já dissemos, é realizada em pleno ar livre, pois dentro da colmeia os machos, por mais numerosos que sejam, não importunam nunca a abelha mestra, têm desempenhado os zangãos o seu mais valioso e importante papel. Daí para o futuro parecem ser membros inúteis, que só servem para consumir uma importante parte das provisões amontoadas para o inverno, pois cada um devora diariamente a colheita de quatro obreiras. De mais é causa de constante mágoa para as laboriosas operárias, quando recolhem do trabalho fatigador, verem os ociosos num dulce farniente à porta da colmeia. Isto desgosta-as, fá-las olhar com desprezo e ódio para os vadios, até que um dia reuam conselho, proclama-se a guerra civil e a necessidade da supressão dos inúteis; e os machos, que não são trucidados, são expulsos para longe da colmeia e condenados ao suplício de U-golino, visto não serem aptos para angariar o diário sustento.

Frequentemente, quando o alimento é em demasia, as obreiras consentem os parasitas; outras vezes expulsam-nos e em seguida tornam admiti-los.

Sinal de que a fome sucedeu a abundância.

«Procure conhecer as abelhas e sua utilidade, através deste semanário»

A objectiva encanta a juventude

Crianças apresentam obras primas da fotografia—A luta contra o sensacionalismo

Hamburgo—Numa época em que se repetem as notícias de alterações da ordem pública de grupos de adolescentes, de que ultimamente foram teatro Hanover e Berlim, em que a pseudo-literatura altamente novica se vai propagando como doença infecciosa, em que os heróis da pistola e as belezas semi-nuas predominam na tela, as escolas na Alemanha Ocidental tentam por todos os meios defender a juventude, indicando-lhe passatempos salutares. Constroem-se diques contra a onda de lama e combate-se activamente o sensacionalismo, alascívia e a vida desregrada sem nexos e sem ideais.

Na maioria das escolas organizam-se cursos especiais sob a direcção de professores de alta capacidade que se propõem pôr os Jovens em contacto com domínios que podem vir a ser passatempos agradáveis e educativos, sem qualquer pedantismo. Há grupos filatélicos. Outros dedicam-se à leitura em conjunto de dramas e de obras literárias empolgantes. Os trabalhos manuais ocupam um vasto sector destas actividades, não faltando a jardinagem. São hoje bem numerosos os teatros escolares. Estes cursos são integrados em regra no plano de matérias do respectivo ano.

Um professor da Escola Kirchner em Francfprtt conseguiu agora conquistar um novo domínio para esta valiosa obra educativa. Quem percorrer os arredores da escola e lançar um golpe de vista nas salas de aula, verificará com grande es-

panto que uma ou outra sala está quasi completamente escura, distinguindo-se apenas alguns vultos a uma luz vermelha muito ténue. O iniciador destes cursos dá com muito prazer informações sobre a sua ideia e sobre a maneira como conseguiu realizá-la.

Há alguns anos o professor Nowak, grande entusiasta da fotografia, levou para a escola toda a sua aparelhagem fotográfica para explicar aos seus alunos os fenómenos relacionados com a fotografia nos domínios da física e da química.

Os alunos mostraram tal interesse pela fotografia que Nowak teve a ideia de organizar um curso, pensando desde logo na conveniência de transmitir de crianças conhecimentos que poderiam ser de ponto de partida para uma utilização sensata das horas vagas.

A partir de 1952 o Sr. Nowak dirige na sua escola cursos de fotografia cujo programa abrange duas horas diárias durante um mês inteiro. A frequência de cada curso é de uns vinte alunos. A princípio, o professor pôs à disposição a sua própria máquina fotográfica. Hoje, a escola já possui uma série de aparelhos fotográficos modernos, assim como uma instalação completa para revelação e cópias. Os alunos adquirem conhecimentos teóricos e práticos e uma educação estética que se vem a manifestar em quase todas as matérias do programa. O número de entusiastas aumenta de dia para dia e alguns deles passam

(Continua na 4.ª página)

Que fizemos nós?

Que fizeram as nações Unidas? Que fizeram os aliados? —Que fizemos nós?—para que a situação dos mártires da Hungria fosse melhorada?—para que a sua fome de Paz fosse um pouco mitigada?

Nós, habitantes de um mundo Livre, «Os Neutros», não sentimos o nosso rosto corar de vergonha, por vermos que nada fizemos comparado com o muito que devíamos fazer?

Os nossos irmãos da Hungria sofrem, são torturados. Mui rapidamente, os seus corpos são lançados nos caminhos lamacentos, ensopados pelo sangue dos heróis da liberdade.

Qual a razão para ficarmos indiferentes perante a dor daqueles que tentam, num derradeiro esforço, obter a liberdade tão merecida?

E' lamentável ver que de-

pois de tantas provas de hipocrisia, muitos dos homens de qualidades e grandes dotes de inteligência, continuam obsecados com a política do «Comunismo».

Mas, afinal, o que é o comunismo?

Que sabem os senhores a respeito dessa organização Política. Sim, que sabem os senhores, ou que tentam fazer acreditar saber?

Se o comunista não vaia lém do que estamos a ver na Hungria, podem, na acepção geral da palavra, «Suicidar-se». Se essa política «maravilhosa» não passa da carnificina de Budapeste, então mais vale que toda a vossa inteligência seja tomada e o vosso olhar de homens pacíficos nos demonstrem claramente o bra-

(Continua na 6.ª página)

OFICINA DE SERRALHARIA CIVIL E ARTISTICA

DE

ARTUR DA CUNHA CRUZ

SOLDADURAS AUTOGÉNEO E ELÉCTRICA

DESDE O TRABALHO MAIS PERFEITO

ATÉ AO CONSERTO MAIS RÁPIDO E SEGURO

Telefone, p. f. 62113

Feira Nova

ALFAIATARIA „BELCORTE,“

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confecciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA
CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA „BELCORTE,“

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR AMARES

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

considerar justas todas as concessões de seu pai e avós, ficando somente válidas as que ele quisesse confirmar—*Confirmações gerais.*

São de rudimentar conhecimento da história, as discordâncias que este rei teve com os seus irmãos, por se recusar a ceder-lhes senhorios que o pai lhes doara.

Se é natural que de facto se verificassem abusos e usurpações, também devia admitir-se que os actos da vida civil não eram ainda tão perfeitos que sempre fôsem devidamente acompanhados de formalidades legais, que a todo o tempo podessem servir de prova de direito, tanto mais de mercês feitas muitas vezes na eminência das batalhas e dos combates para estimular a emulação e o brio dos acampamentos; e só isto poderia desculpar o não estarem convenientemente documentadas todas as doações dos reis seus antecessores.

Sobre tal estado de coisas foram ordenadas as *Inquirições gerais* de 1220, que provocaram grave agitação, aumentando os agravos e o descontentamento que já vinha das *Confirmações*.

De uma maneira geral, as dissensões e mesmo as lutas civis, que desde esta época se desenrolaram em quase todos os reinos cristãos e chegaram a atingir o século XV, tiveram como principal causa a discussão e posse das terras conquistadas.

Primeiro que todas entrassem igualmente na tributação geral do Estado, vai o largo espaço e longo calvário em que vastíssimos interesses se debateram entre a coroa e as classes privilegiadas.

Este, porém, é assunto para tratados e não se acomoda às reduzidas proporções de uma simples monografia; no entanto, certos aspectos da política e acendrado partidário que daí resultou, serão esboçados adiante e sob título especial, por se acharem ligados a estas terras os nomes de alguns dos seus mais classificados protagonistas.

A produção e cultura, que variam de terra para terra; os hábitos e sistemas de seus habitantes, relativamente a esse tempo; como outras circunstâncias e pormenores históricos, são conhecimentos importantíssimos que podem obter-se através desses preciosos textos das *Inquirições* e servem para medir uma distância e profunda transição, quer tentemos compará-los com o presente, quer investiguemos o que ainda sobrevive do passado.

Em cada *colação* ou *freguesia* eram onze os membros do júri das *Inquirições*, os *jurados*, sendo o primeiro deles o abade ou o prelado.

Entre eles teriam comparecido ainda alguns dos velhos aventureiros das campanhas do Conquistador, a apelar por direitos adquiridos pela força das cicatrizes e das lórigas dilaceradas por lançadas inimigas.

Responderam aos inquiridores que o soberano nenhuns direitos aqui possuía e, quanto a padroados, também não era padroeiro.

Os reguengos ou direitos do rei eram os que recaíam sobre certas terras do patrimônio real e, onde raramente o havia, pagavam dos lugares da povoação a metade, a terça ou quarta e do monte a sexta parte dos frutos.

Padroado era o direito de protector ou padroeiro, adquirido por quem fundasse ou dotasse igreja ou mosteiro.

Já foi referido que as terras propriamente ditas de Entre-Homem e Cávado estiveram até aos últimos tempos sob a alçada do clero e da nobreza, mas, que assim não fôsse, foram muitas as razões por que os povos se escusaram do pagamento dos direitos do rei: a prestação de serviços em obras de fortificação e defesa, a qualidade de ricos-homens e cavaleiros, a nobreza de que se achavam investidos pelo sangue ou por acções heróicas, o que ostensivamente exprimiam pelo uso de *don-dominus*.

Se não eram nobres, procuravam garantir-se dos privilégios concedidos aos que criavam os filhos dos reis e dos ricos-homens, no que consistiam os *amádigos* e os *paramos* que, por redundarem em grande abuso, foram abolidos por D. Dinis em 1290.

Tudo isto, mais as terras privilegiadas das igrejas e dos mosteiros, que eram os *coutos*; as pertencentes aos nobres eram as *honras*.

Coutos de homiziados, foram os lugares onde os reis, no desejo de povoá-los, admitiram que se refugiassem da justiça os criminosos.

O próprio rei D. Dinis definiu expressamente o que era *coutar uma terra*, isto é, "escusar os seus habitantes ou moradores, de *hoste* e de *fossado*, de *loro* e de toda a *peita*".

(Continua no próximo número)

CALENDÁRIO

17—SÁBADO: S. Gregório Taumaturgo. S. Vitória.
18—DOMINGO: Dedicção às Basílicas S. Pedro e S. Paulo. S. Otão.
19—SEGUNDA: S. Isabel de Hungria S. Narciso.
20—TERÇA: S. Felix de Valois e Santa Francisca.
21—QUARTA: Apresentação de Nossa Senhora no Templo. S. Columbano.
22—QUINTA: S. Cecília.
23—SEXTA: S. Clementel (papa mrê). S. Felicidade.

Que fizemos nós?

(Continuação da 5.ª página)

seiro louco que arde no vosso peito: a loucura que há muito vos consome e vos torna maníacos políticos.

Segundo disse alguém; "Há irracionais com mais juízo"—E' verdade!

Os cães vermelhos não nos largam; vão buscando a presa fácil, os indefesos, para depois vir sobre nós, os outros inimigos, que só nos rendemos quando estiverem bem vertidas as últimas gotas de sangue.

Não posso calar por mais tempo o ódio que tenho aos soviéticos, não a eles propriamente ditos, mas sim, ao seu governo de traidores e miseráveis, que procura viver à custa dos escravos naturais; nada desejando senão satisfazer os instintos. Eles, os senhores absolutos de uma região extensa, sabem dominar de uma maneira cruel um povo que foi outrora um punhado de multidões, alegre, socialista e sincero.

Malditos sejam eles!— Os que não pensam senão no absoluto domínio do mundo.

Não crêem sequer que possa haver uma alma para salvar. Tudo neles é materialismo.

Por isso eu os odeio a todos, a esses homens vis de sentimentos obscurecidos pelo lodo e pela desonra.

Terrivelmente miseráveis, não querem senão enriquecer, obter o máximo de lucros.

Victor Kreyxenko, só quis fugir. Ele que foi um homem, o mais querido dos russos, porque foi o maior, fugiu; desertou da pátria, dos irmãos escravos e veio para a América em busca da paz e da alegria de viver. Muito sofreu, porque muito amou os escravos como ele.

Esse governo, que sob a protecção do grande deus Estaline (o maldito), faz homens materiais sem olhar a respeito nem a pudor feminino.

Portugueses

Nós somos felizes

Vivemos num país pacífico, onde homens de grande capacidade política, a política dos homens verdadeiramente livres, velam pelo nosso bem-estar.

Não esqueçamos o povo da Hungria, os nossos irmãos que têm fome; não têm munições e, que para obter a liberdade, lutam com paus, vidros e pedras.

Dê-mos um pouco do muito que temos. As crianças, que de um momento para o outro, se vêem num mundo diferente do que viviam.

Album de coisas várias

O avô brincava com o netinho e o quadro de realísticas tonalidades de enlevo era encantador e de comer com os olhos da alma! A tarde arrepiava-se sob o murmúrio frio da aragem que vinha do mar, e o garotito e o homem de cabelosesbranquiçados pareciam não dar conta que o dia estava morrendo. E, naquele instante, enquanto olhava para o singular quadro de mil e um encantamentos, eu pensei numror de coisas medonhas. Quis saber quantos homens, naquele momento, estavam brincando com seus netinhos. Quis saber quantos meninos, naquele correr de tempo, estavam falando com seus avós. Eu não podia deixar de pensar, e sem que ninguém o soubesse, eu não podia deixar de sentir a algidez e a tortura que punham enormes lacunas no desfiar dos meus pensamentos. Senti-me necessitado de fugir, de me pôr a vagabundear por ruas, cujos nomes nunca decorarei, por ruas cujas faces jamais conhecerei. As ruas duma cidade são folhas onde os nossos pés imprimem estados de alma que se perdem para todo o sempre. Pelo andar duma pessoa quase podemos ler o que lhe vai na alma.

Eu ia caminhando e, embora longe, ouvia ainda o rir argentino da criança, o falar se-

Quem sabe se a paz vier muitas não enlouquecerão?

Dê-mos o que elas precisam. Mandemos às Cáritas, vitaminas, tónicos cardíacos, plásmas, roupas, mantimentos.

Mães, vós que tendes à vossa beira os vossos filhos, pensai nas mães que, num escasso espaço de tempo, perderam a luz dos olhos, «Os seus meninos».

Tende pena. Ofereci tudo! Tudo!

Ajudaí os infelizes e implorai a Deus para que a paz volte a reinar no mundo e os homens de maus instintos peçam para sempre.

Orai pelos heróis da Hungria.

Orai pelos que se batem até ao fim, para obterem a liberdade.

(Jandira Fernandes)

reno do velho. E ao redor dos meus ouvidos voaram bandos de risos, que o vento não era capaz de esfragalhar e atirar para a solidão das coisas perdidas. Perguntei a mim próprio sobre a liberdade, pus em jogo dezenas de conceitos sobre fraternidade, quis saber da verdade absoluta dos direitos da humanidade. E então deixei de ouvir o bebé alegre e feliz. E perdi, também, da paz e doçura murmurantes que encontrei na voz do homem velho. Sabia que milhares de crianças, àquela hora, estavam interditas de brincar com seus avós. Que dezenas e dezenas de velhos não tinham perto de si o agasalho divino, terno e doce, que toda a criança é! Na imensa planície universal a angústia e a dor, o grito lancinante e o ruminar da tragédia que caía por sobre homens como nós, crianças como aquela, fendiam as entranhas do meu cérebro e senti revoltar-me e enriçar-me.

Não há paz sobre a terra! Longe, o mundo é uma língua de chama ardente. Verificam-se massacres de inocentes. O mundo é uma ferida. A Humanidade não é feliz. Porquê!

Ouvi cânticos e, por momentos, perdi o fio dos pensamentos. Eu estava perto duma igreja, e os cânticos vinham de lá. Entrei. Entrei e rezei também por todos os povos, por todas as crianças, por todos os velhos, por todas as mães, por todos os jovens que, em terras distantes, não tinham o direito de serem livres, de gozarem, como eu, em parte livre e cristã a aurifluente dorçura dum quadro de maravilhoso enlevo encontrado na rua, enquanto o sol descia e a penumbra tomava conta da cidade. E abandonei o templo.

Hora de Oração pelos povos vítimas duma guerra que teirma em se alastrar. Os homens estão doentes, terrivelmente doentes.

E neste frenesim todo eu não sou capaz de saber de que lado é que está o grande erro de tragédia universal em que vivemos.

J. M. (J.)

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada Companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.